

LIMA, A. F.; LOPES, L. C. S. Visão do acompanhante acerca das orientações recebidas pela equipe de enfermagem ao acompanhar o paciente hospitalizado. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA FAPEMIG, VI., 2016, Itajubá. **Anais...** Itajubá: EEWB, 2016.

Aline Fernandes Lima¹
Letícia Corrêa Santana Lopes²
Aldaíza Ferreira Antunes Fortes³
Ana Maria Nassar Cintra Soane⁴
FAPEMIG⁵

A humanização do ambiente hospitalar tem sido possibilitada por meio da aprovação de leis e decretos que regulamentam o direito à permanência de acompanhante para alguns grupos específicos. Conforme as Leis nº 8.069/90, nº 10.741/03 e nº 11.108/05, a criança, o adolescente, o idoso e a parturiente têm direito a acompanhante durante a hospitalização. Em relação ao adulto, a Política Nacional de Humanização da Saúde recomenda a presença do acompanhante, porém, a permissão deste fica na dependência de acordos e liberações institucionais cujo cumprimento, na maioria das vezes, é decidido pelo enfermeiro. Quando se pensa em cuidados, principalmente de pacientes hospitalizados, deve-se incluir o acompanhante como aliado nesse processo. Há grandes evidências de que sua presença pode propiciar o bem-estar do paciente, bem como influenciar a evolução do processo saúde-doença, contribuindo como integrante da prática de Enfermagem. O enfermeiro, neste contexto, tem o compromisso e a função de incluir as famílias/acompanhantes nos cuidados de saúde. O significado que a família oferece para o bem-estar e a saúde de seus membros, bem como a influência sobre a doença, obriga este profissional a considerar a assistência à família/acompanhante como parte integrante da prática de Enfermagem. E desta forma, para prestar esta melhor assistência ao cliente e à família/acompanhante que estão vivenciando o processo de hospitalização a comunicação é a ferramenta essencial. A família desempenha considerável papel na reabilitação dos pacientes exercendo influência decisiva por assegurar aos seus familiares mais perspectivas de vida, incentivando-os a prosseguir sua trajetória para sua recuperação. Por isso, durante a fase de hospitalização é de extrema importância que o acompanhante seja visto não só como agente cuidador, mas como potente facilitador da evolução clínica e reinserção social do paciente. Por conseguinte, a sua participação deve ser reconhecida, incentivada e discutida coletivamente durante todo o processo da internação. Entretanto, salienta-se que a presença do acompanhante no decorrer da hospitalização do paciente e seu envolvimento no cuidado não devem ser vistos como delegação de responsabilidades, ou ainda como complementação de recursos

¹ Bolsista do Programa de Bolsa de Iniciação Científica (PROBIC). Discente do 9º período do Curso de Enfermagem. Escola de Enfermagem Wenceslau Braz. Itajubá, Minas Gerais. Brasil. E-mail: alinefernandes36@gmail.com

² Discente do 9º período do Curso de Enfermagem. Escola de Enfermagem Wenceslau Braz. Itajubá, Minas Gerais. Brasil. E-mail: leh_leh_santana@hotmail.com

³ Orientadora. Mestra em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Docente da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz. Itajubá, Minas Gerais, Brasil. E-mail: aldaizafortes1@hotmail.com.br

⁴ Coorientadora. Mestra em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. E-mail: anamariassoane@bol.com.br

⁵ Fonte financiadora

humanos para a assistência de Enfermagem. O fato é que o papel da equipe é de parceria com o acompanhante na busca da melhoria do cuidado ao cliente. Mas, ainda percebe-se que, quando se concede a oportunidade de haver um acompanhante, existe um reduzido aproveitamento da pessoa do cuidador, que acaba ficando restrita à prestação de cuidados tidos como simples pela Enfermagem, como higiene, alimentação e observação de eliminações. Sendo assim, a parceria entre a equipe de saúde e o acompanhante é um objetivo a ser almejado durante a permanência do paciente internado e posteriormente a ela, podendo o acompanhante participar como membro da equipe de trabalho, tornando-se, também, responsável pela assistência prestada e, além disso, contribuindo para a manutenção da integridade emocional do cliente. Face ao exposto, nos despertou o interesse em verificar se existem e como/quais são as orientações recebidas pelos acompanhantes da equipe de Enfermagem acerca de seu papel como acompanhante durante a hospitalização de seu familiar. O presente estudo tem como objetivo identificar a visão do acompanhante acerca das orientações recebidas pela equipe de enfermagem ao acompanhar o paciente hospitalizado. Trata-se de uma abordagem qualitativa e pesquisa de campo do tipo descritiva, exploratória e transversal. Foram entrevistados 17 acompanhantes de pacientes internados nas clínicas médica ou cirúrgica da Santa Casa de Misericórdia de Itajubá (SCMI), Minas Gerais. A amostra foi realizada por saturação de dados e amostragem foi do tipo intencional. Os critérios de elegibilidade dos participantes foram: estar acompanhando o paciente há pelo menos 03 (três) dias; ser acompanhante e concordar em participar da pesquisa. Os critérios de inelegibilidade dos participantes foram: estar acompanhando o paciente há menos de 03 (três) dias e não concordar em participar da pesquisa. Deu-se início a coleta de dados após aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Parecer Consubstanciado nº 933.315/2014 e autorização do diretor técnico da SCMI. Para a coleta de dados utilizou-se dois instrumentos. O primeiro, um instrumento de caracterização dos acompanhantes do paciente hospitalizado composto de dados pessoais e profissionais dos participantes do estudo. O segundo, um roteiro de entrevista semiestruturada que foi gravado ou escrito, mediante escolha do participante, constituído por uma questão aberta que responde ao objetivo da pesquisa. Os procedimentos adotados para a coleta dos dados foram os seguintes: as pesquisadoras abordaram o acompanhante em um momento acessível a ele durante a hospitalização do paciente; previamente ao início da coleta de dados foi esclarecido aos acompanhantes o objetivo do estudo, garantia do anonimato e retirada de dúvidas; anuência para a participação do estudo, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como as pesquisadoras e registro da entrevista pelas respostas escritas ou gravadas por meio de um celular. O estudo obedeceu aos preceitos estabelecidos pela Resolução 466/12. Os dados obtidos do segundo instrumento foram analisados por meio da Análise de Conteúdo de Bardin evidenciando categorias que foram agrupadas em três dimensões: positiva, negativa e transitória. Quanto à caracterização dos participantes do estudo identificou-se que a faixa etária oscilou entre 17 a 69 anos prevalecendo as idades entre 43 a 55 anos com 41,20%; o sexo feminino com 82,40%; o ensino fundamental I (1ª a 4ª série) como escolaridade com 47,10%; do lar como profissão com 23,50%; possui parentesco com o paciente com 70,60%; esposa (a) e filha como grau de parentesco com o paciente dos participantes que possuem parentesco com o mesmo com 25% cada e 03 a 20 dias como tempo que é acompanhante com 94,10%. A visão do acompanhante acerca das orientações recebidas pela equipe de enfermagem ao acompanhar o paciente

hospitalizado, como dimensão positiva foi descrita por meio das categorias: “Boas”, “Esclarecedoras”, e “Dúvidas sanadas”; como dimensão negativa, as categorias que emergiram foram: “Orientações não recebidas em relação a medicamentos” e “Orientações não recebidas sobre sua função” e quanto à dimensão transitória: “Suficientes”. Percebeu-se com o estudo que os profissionais de enfermagem, muitas vezes, são atenciosos com os pacientes e acompanhantes, estabelecendo uma boa interação, porém não exercem o seu papel de forma integral, pois, faltam com as orientações e/ou informações concedidas aos mesmos ou estas acabam sendo insuficientes e superficiais. Assistir não apenas o paciente hospitalizado, bem como o acompanhante provendo-lhe atenção particularizada deve ser assumido como atividade permanente não somente da equipe de enfermagem, mas de todos profissionais de saúde envolvidos. Espera-se com este estudo que o (a) enfermeiro (a) e sua equipe reflitam e enxerguem a necessidade da ação educativa para com o acompanhante do paciente hospitalizado, adquirindo uma visão crítico-reflexiva sobre suas orientações e contribuindo para que o acompanhante torne sujeito ativo participante do cuidado.

Palavras-chave: Continuidade da Assistência ao Paciente. Hospitalização. Percepção.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Estatuto da criança e do adolescente e legislação correlata**. 12. ed. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/responsabilidade-social/acessibilidade/legislacaopdf/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

_____. Presidência da República. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 3 out. 2003. Seção I, p. 1. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10741-1-outubro-2003-497511-norma-actualizada-pl.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2016

_____. Presidência da República. Lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005. Altera a Lei no 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 8 abr. 2005. Seção II, p. 9. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11108.htm>. Acesso em: 25 abr. 2016

PENA, S. B.; DIOGO, M. J. D'E. Fatores que favorecem a participação do acompanhante no cuidado do idoso hospitalizado. **Revista Latino – Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 5, p. 663-669, set./out. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n5/v13n5a09.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

SANCHES, I. C. P. et al. Acompanhamento hospitalar: direito ou concessão ao usuário hospitalizado?. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p.

67-76, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n1/08.pdf>>. Acesso em 08 nov. 2014.

SILVA, A. et al. O Acompanhante do Paciente Adulto Hospitalizado: percepção dos enfermeiros: uma abordagem qualitativa. **Online Brazilian Journal of Nursing**, Niteroi, v. 6, n. 3, set. 2007. Disponível em: <<http://www.objnursing.uff.br//index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2007.1192/263>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

SILVA, L.; BOCCHI, S. C. M. A Sinalização do Enfermeiro entre os papéis de Familiares Visitantes e Acompanhante de ADULTO e Idoso. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n.2, p. 180-187, mar./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n2/v13n2a08.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

SIQUEIRA, A. B. et al. Relacionamento enfermeiro, paciente e família: fatores comportamentais associados à qualidade da assistência. **Arquivos Médicos do ABC**, Santo André, v. 31, n. 2, p. 73-77, nov. 2006. Disponível em: <<http://portalnepas.org.br/amabc/article/viewFile/243/239>>. Acesso em: 08. nov. 2014.

SZARESKI, C.; BEUTER, M.; BRONDANI, C. M. O familiar acompanhante no cuidado ao adulto hospitalizado na visão da equipe de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 31, n. 4, p. 715-722, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v31n4/a15v31n4.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

XAVIER, M. da L. F.; ALVIM, N. A. T. Saberes e práticas de acompanhantes sobre complicações respiratórias pós-cirúrgicas no idoso, compartilhados com a enfermeira. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 553-560, set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v16n3/18.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2014.